
SPR

SPANISH AND PORTUGUESE REVIEW

OPEN ACCESS

**Os intelectuais e a mutação cultural na era neoliberal:
Uma perspectiva sarliana**

Célia Carmen Cordeiro

Spanish and Portuguese Review 1 (2015): 100–15

Spanish and Portuguese Review files are licensed under a
**Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives
4.0 International License.**



Os intelectuais e a mutação cultural na era neoliberal: Uma perspectiva sarliana

Célia Carmen Cordeiro

University of Texas at Austin

“Parece haber llegado el momento en que el conocimiento deja de ser el dominio exclusivo de los intelectuales y sus herederos más especializados—investigadores y tecnócratas—para convertirse en un medio común a través del cual las sociedades se organizan y cambian” (15).

—José Joaquín Brunner e Guillermo Sunkel
Conocimiento, sociedad y política

Resumo: Neste ensaio, disserto sobre o papel do intelectual público na Argentina menemista e pós-moderna ao posicionar Beatriz Sarlo no panorama intelectual latino-americano. Recorrendo a dois ensaios sarlianos—*Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina* (1994) e *Tiempo presente* (2001)—, argumento que Sarlo é uma intelectual moderna numa Argentina pós-moderna. Ela propõe a democratização da alta cultura de modo a suprimir as diferenças culturais das classes populares, fazendo renascer os ideais culturais da Escola de Frankfurt nos séculos XX e XXI. Contrasto a sua postura moderna e conservadora com a dos intelectuais latino-americanos Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, cuja postura progressista leva-os a interpretar a nova ordem simbólica pós-moderna de modo a possibilitar o acesso da cultura através dos meios de comunicação de massas e a aceitação das diferenças culturais típicas de uma sociedade heterogênea e plural como é a sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: Beatriz Sarlo, globalization/globalização, high culture/alta cultura, intellectual/intelectual, mass media/meios de comunicação de massas, modernity/modernidade, popular culture/cultura popular, post-modernity/pós-modernidade

Introdução

Enquanto que na modernidade se configura a Razão como símbolo de progresso e conhecimento num discurso unilateral; na pós-modernidade cria-se espaço para a multiplicidade de discursos na senda de dar voz às distintas identidades grupais. Na modernidade, a escola e os livros constituem-se como vias principais de conhecimento. O discurso do intelectual moderno tende a estar em sintonia com o discurso estatal ou, muitas vezes, é aproveitado pelo Estado para veicular uma determinada ideologia. Ele é visto como o “legislador”, na concepção de Zigmunt Bauman em *Legisladores e Intérpretes* (1997), pois considera ser sua responsabilidade moral intervir diretamente no sistema político mediante a sua influência sobre as mentes da nação e dos seus dirigentes políticos (Bauman 10). Esta unicidade discursiva é posta em causa na pós-modernidade com o surgimento de um número ilimitado de modelos de ordem, determinados por um conjunto relativamente autónomo de práticas.

Até cerca de 1980, as narrativas totalizadoras da modernidade são preponderantes nas humanidades. Em *La condition postmoderne* (1979), Jean-François Lyotard afirma a ineficácia dessas narrativas para legitimar os diversos discursos que surgem de grupos subalternos que erguem a sua voz na arena pública (mulheres, afrodescendentes, indígenas, *gay/queer*, etc.). A emergência de tecnologias próprias de uma sociedade mediática pós-moderna institui uma nova formação sociocultural; a fragmentação do sujeito e a simultaneidade de transmissão de acontecimentos formam realidades que exigem a formulação de novos conceitos e teorias por oposição a um discurso histórico moderno (Bauman 10–12). Consequentemente, o conhecimento não se adquire apenas através da escola, dos livros ou dos jornais, mas através da televisão, da internet ou de outro dispositivo de informação. Tendo em conta o surgimento de vias alternativas de transmissão da cultura, a função do intelectual muda na pós-modernidade. O intelectual passa a ser, utilizando a concepção de Bauman, um “intérprete” da contemporaneidade (Bauman 13).

Neste ensaio, analiso como a intelectual pública argentina Beatriz Sarlo (n. 1942), “quizás la figura más influyente dentro de la escena intelectual entre los años 60 y la actualidad” (Corbatta 76), se posiciona face às mudanças sociais e culturais próprias da pós-modernidade a partir da Argentina neoliberal, entre o período de governação de Carlos Menem (1989–99) e o colapso económico de 2001. Almejando situar Sarlo dentro do panorama intelectual latino-americano, argumento que ela é uma intelectual moderna, por oposição a outros intelectuais como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, que apresentam uma postura pós-moderna. Assim sendo, dissertarei neste ensaio sobre Sarlo, alternando com momentos de comparação e contraste com os intelectuais mencionados.

Considero Sarlo a típica intelectual “cínica” ou “truhan”, recorrendo aos significados atribuídos por Jacques Lacan a este tipo de intelectuais: “conformados com a ordem estabelecida” (citado em Žižek 53). O seu cinismo constitui-se na não apresentação de um projeto novo para o futuro porque Sarlo não crê na utopia de um projeto colectivo. Além disso, embora ela afirme que não são as características do intelectual moderno que se exigem ao intelectual pós-moderno, é esse papel que ela pretende recuperar, na linha do pensamento da Escola de Frankfurt. Ela própria corporiza as características do intelectual moderno, na sua vertente clássica e tradicional. Sarlo vive a nostalgia do projeto moderno, da dominância da cultura letrada sobre as restantes culturas. Segundo Slavoj Žižek, este tipo de intelectual é “un adalid neoconservador del libre mercado”, na medida em que critica os “planos utópicos” da esquerda, acreditando que levam à “catástrofe” (54), sem, no entanto, apresentar alternativas. Para demonstrar o conservadorismo de Sarlo enquanto intelectual pública, este ensaio é dividido em três partes. Numa primeira parte, esclareço alguns conceitos, nomeadamente o de intelectual e o de espaço público, dissertando em paralelo sobre as diferentes definições de intelectual apresentadas

por diversos teóricos e posicionando Sarlo na categoria de intelectual moderna, com uma agenda tradicional. Numa segunda parte, apresento as temáticas comuns aos ensaios *Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina* (1994) e *Tiempo presente* (2001), as quais constituem as críticas de Sarlo às diferentes vertentes da vida social e cultural da Argentina menemista e pós-moderna. Por exemplo, o consumo, a escola pública, os meios de comunicação de massa, a arte e o papel dos intelectuais na sociedade. Evidencio que a intelectual apresenta uma perspectiva frankfurtiana se comparada com outras vozes, por exemplo, o antropólogo argentino Néstor García Canclini (n. 1939) ou o filósofo e antropólogo espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero (n. 1937), cujas posturas progressistas e pós-modernas marcam as suas obras.

Intelectuais e espaço público

Antes de situar Sarlo no panorama intelectual latino-americano, esclareço os conceitos de intelectual e espaço público, relativamente à forma como têm sido percepcionados ao longo dos tempos. O intelectual é um mediador na época moderna—alguém que defende incondicionalmente a verdade e a justiça, acima dos interesses do Estado. Do latim *intellectualis*, de que a palavra intelectual deriva, conservou-se o sentido “relativo à inteligência”. Decompondo-se a palavra, *intus* (para dentro) e *lectus*, participio passado de *legere* (ler): ler (para) dentro das coisas, para o seu interior. Etimologicamente, *legere* significa, simultaneamente, um sentido, uma qualidade do que sai de si, aquilo que extravasa o indivíduo para abrir-se também numa dimensão social. Assim sendo, ler pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual de dois movimentos: para dentro de si e para fora de si, num binómio entre reflexão interior e partilha de ideias com um público específico (Figueiredo). Neste âmbito, quando Émile Zola (1840–1902) toma a palavra no espaço público para defender Alfred Dreyfus através da escrita do artigo “J’ Accuse”, publicado a 13 de Janeiro de 1898 no jornal *L’Aurore*, ele é o intelectual que acusa todos os que haviam culpado o oficial do exército por traição à pátria em prol da Alemanha (Domingues 467). Segundo o filósofo brasileiro Ivan Domingues, a atitude de Zola incendeia a opinião pública francesa, nascendo a partir daí o conceito de “intelectual” moderno, ou seja, aquele que se constitui enquanto mediador entre os campos social e político, usando a palavra para intervir em prol dos menos favorecidos na esfera pública (Domingues 468).

A atitude de Zola permite pensar sobre a noção de espaço público. No século XVIII, Immanuel Kant associa o “princípio da publicidade” com o “uso público da razão”. Tal consiste em as pessoas tornarem as suas opiniões públicas, submetendo-as à apreciação do juízo tanto estético como político, ou seja, à prova do exame público da razão (Kant 48). A emergência do público como instância superior do juízo está na origem da frase *opinião pública*.

Segundo Jürgen Habermas, a opinião pública é a “opinião verdadeira, regenerada pela discussão crítica na esfera pública” (28). Assim sendo, o “princípio da publicidade” vem opor-se à prática de segredo de Estado absoluto e, conjugado com a opinião pública, forma o princípio do espaço público moderno. Este poder da palavra na esfera pública funciona como uma instância de controlo e de legitimação do poder político exercido pelo Estado administrativo (30).

Curiosamente, um dos traços distintos da esfera pública é a sua localização no domínio do privado, pois os intelectuais reuniam-se no privado para discutir e escrever sobre assuntos de interesse geral (31). Segundo Habermas, o espaço público surge com o advento da burguesia, pois é esta classe que escreve e debate os assuntos na arena pública (32). No século XIX, publicar artigos no jornal é o meio através do qual os sujeitos se inserem na esfera pública. Segundo Habermas, o espaço público constitui, então, um “espaço simbólico” no qual se opõem e se respondem os discursos dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais de uma sociedade (36). Por outras palavras, o espaço público simboliza a realidade de uma democracia em ação, esfera na qual as pessoas usando da palavra no espaço público têm voz no meio social em que se integram.

A partir da segunda metade do século XX, Habermas reconhece duas formas de publicidade em concorrência no espaço público. A publicidade crítica, que remete para o modelo de debate público, descrito acima, e a publicidade que se veio a impor através dos meios de comunicação de massas. Por conseguinte, existe uma multiplicidade de espaços públicos na atualidade, os quais institucionalizam os diversos processos de formação de opiniões na televisão, na rádio e na internet, entre outros dispositivos de informação (Habermas 102–03).

Zola é o tipo de intelectual moderno: o literato, o homem de letras. No entanto, há diversos tipos de intelectual. Além do artista e do escritor, que são protótipos do intelectual moderno segundo George Huszar (1960), Edward Shils (1972) apresenta como definição de intelectual toda a pessoa com um título de ensino superior (citados em Marsal 295). P. A. Baran (1961) identifica o “trabalhador intelectual” como aqueles indivíduos que trabalham com a cabeça em vez de trabalhar com as mãos. Segundo A. Aron (1954), são intelectuais todos aqueles que crêem, distribuem e aplicam a cultura, os “escribas, literatos e expertos”. Gorky (1960) apresenta o intelectual como o “ideólogo de classe”, um inimigo da ordem burguesa estabelecida (citados em Marsal 295). Ainda, Antonio Gramsci representa o intelectual comprometido de esquerda, o intelectual orgânico do partido político. Ou seja, é aquele que transforma a propaganda política em teoria política para circular na imprensa e nas universidades (Domingues 467). Segundo Edward Said, o intelectual é aquele que tem uma perspectiva, uma opinião que partilha com o público. Porém, ele deverá ser “embarrassing, contrary, even unpleasant” de modo a se colocar acima dos interesses da política para defender a sua visão objetiva das coisas (13–14).

Num famoso ensaio de 1984, Ángel Rama define a “ciudad letrada” como o espaço que serviu de cenário na América Latina para a produção intelectual (3). Os *letrados* produziam narrativas de construção do imaginário nacional, nascendo, assim, a literatura canónica nas metrópoles. Segundo Juan Francisco Marsal, a palavra que melhor define em castelhano a função do intelectual latino-americano é a palavra “pensador” (296). Esta palavra inscreve o conceito tradicional da função do intelectual: “intelectual es aquel que generaliza el saber, en forma más o menos literaria, para un público más amplio que el de su círculo profesional” (298). Esta forma “mais ou menos literária” a que Marsal se refere constitui o uso do ensaio como plataforma de transmissão de um ponto de vista (300). O ensaio literário permite indubitavelmente a especulação de ideias e amplia a imaginação teórica e conceptual.

No que concerne ao caso da ensaísta, escritora e académica argentina Beatriz Sarlo, penso que no seu perfil enquanto intelectual pública se concilia a função de pensadora e de experta. Segundo De Certeau, o experto se divide entre a crescente especialização e o seu papel enquanto voz na arena pública, o que lhe dá a autoridade necessária para falar, emitir opiniões e criar um pensamento próprio (11). O teórico acrescenta que quanto mais autoridade tem o experto, menos competência possui porque esta é pouco a pouco substituída pela demanda social ou pelas responsabilidades políticas: “[L]a ley social arrebatada al individuo su competencia con miras a instaurar o restaurar el capital de una capacidad colectiva, es decir que sea verdaderamente común” (11). Sarlo parece-me uma intelectual cujo conhecimento a pouco e pouco tem vindo a ser substituído pela autoridade da sua voz na arena pública, pois quando eleva a sua voz mais do que um conhecimento, ela exhibe uma performance social ante a colectividade. Assim sendo, Sarlo parte de um conhecimento de experta (académica com formação em Letras) para se inserir na esfera pública como pensadora, na acepção de Marsal. Ela transforma a linguagem académica num discurso acessível ao público comum. Nota-se nos seus ensaios a linguagem escurra e a falta de citações como forma de se assumir como intelectual/pensadora e não como académica. Segundo María Celia Vásquez, *Escenas de la vida posmoderna* (1994) marca na carreira de Sarlo um ponto de inflexão, pois ela abandona a literatura como objeto de reflexão e passa a escrever um texto contínuo sem marcas académicas, o que redefine o seu lugar na crítica e coloca-a, de certo modo, entre a cultura letrada e a cultura massmediática (Vásquez 68).

Temáticas comuns em *Escenas de la vida posmoderna* e *Tiempo presente*

Durante a ditadura argentina (1976–83), o governo utiliza uma estratégia para enfatizar o poder do consumidor na sociedade. Esta política evoluiu com os sucessivos governos até à total implementação da política neoliberal na

Argentina menemista (1989–99). Segundo Fridman, o conceito de “consumidor vem substituir de certo modo o conceito de cidadão típico do governo peronista”. Os meios de comunicação de massas constituem um auxílio imprescindível na propaganda consumista, com a função de fazer os sujeitos se sentirem autônomos por poderem escolher o que consumir.

O governo de Menem completa a agenda neoliberal na Argentina. As políticas capitalistas neoliberais instituem a não participação do estado na economia, levando à desregulação do mercado: “En su sentido más básico el neoliberalismo rompe el equilibrio entre Estado y mercado en perjuicio del Estado” (Shumway 128). Assiste-se à globalização da economia, para que os capitais, serviços e produtos possam fluir para todo o mundo (Munck 70). Na Argentina menemista, as políticas neoliberais caracterizam-se pela Lei da Conversibilidade de 1991 liderada pelo Ministro da Economia Domingo Cavallo, a paridade entre o peso e o dólar que reduzem a credibilidade do país enquanto plataforma de exportação, o aumento da inflação, a dependência financeira de empresas privadas (Bunge & Born, por exemplo), a privatização de empresas estatais e o pedido de empréstimos externos (Di Tella 303–05; Munck 73). A situação intensifica-se de tal forma que a Argentina sofre um colapso financeiro no final de 2001 (Munck 76). Esta constitui a conjuntura na qual a intelectual Sarlo publica dois livros: uma coleção de ensaios, *Escenas de la vida posmoderna: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina* (1994) e outro livro que reúne uma coletânea de artigos de jornal, *Tiempo presente* (2001), artigos estes anteriormente publicados na revista *Punto de Vista*, que dirigiu entre 1978 e 2008.

Com o triunfo do sistema neoliberal na Argentina modificam-se as relações de intercâmbio e diálogo cultural. O intelectual começa a procurar o seu próprio lugar de enunciação, a partir da periferia. Além disso, como argumenta García Canclini, os sujeitos já não são cidadãos mas consumidores. O consumo se constrói parte da *racionalidade integrativa e comunicativa* da sociedade. Ao contrário do que se havia passado aquando da constituição de uma cidadania iluminista através da qual os sujeitos adquiriam direitos democráticos (García Canclini, *Consumidores* 13, 45), na época neoliberal, é o poder de compra dos sujeitos que define o seu estatuto social. *Escenas de la vida posmoderna* e *Tiempo presente* são obras nas quais Sarlo mostra como a globalização, as políticas neoliberais e a demissão do Estado relativamente à gestão cultural desencadearam uma Argentina “fracturada y empobrecida” (*Escenas* 7) na pós-modernidade. Apesar de separadas por um período de sete anos, ambas as obras se complementam. Enquanto em *Escenas de la vida posmoderna*, Sarlo faz um balanço a médio prazo da política neoliberal menemista; em *Tiempo presente*, ela reflecte sobre as causas que levaram ao colapso financeiro na Argentina em 2001. Sarlo descreve abaixo um país pós-moderno, onde “la modernidad no ha terminado de asentarse”:

En la sociedad donde vivimos, el individualismo, el retiro de la esfera pública, la baja credibilidad de los políticos y las instituciones políticas, la corrupción de políticos, jueces, funcionarios y capitalistas, el contenido mayoritariamente reaccionario de la prédica de la iglesia, los peores medios audiovisuales que puedan imaginarse, el retroceso de la cultura letrada y la crisis de la escuela como espacio de redistribución simbólica, producen un efecto de dispersión que no puede confundirse con pluralidad de centros dinámicos, y una pobreza de sentidos globales que no puede confundirse con autonomía de los individuos. (*Escenas* 187)

O excerto acima enuncia algumas das temáticas sarlianas de crítica à sociedade argentina, que são comuns às obras analisadas neste ensaio: o consumo/cidadania na cidade; a falência da escola pública; a invasão dos meios de comunicação de massa na cultura; a arte; e, finalmente, o papel dos intelectuais na sociedade.

No primeiro ensaio de *Tiempo presente*, “La deuda”, Sarlo mostra preocupação relativamente à relação entre Estado e sociedade, na medida em que obrigar as pessoas a pagar a dívida estatal constitui-se como uma tentativa de retirar os direitos das populações (15). Sarlo reporta-se ao facto de que as nações modernas nasceram sobre a base de promessas que, no sentido mais amplo, são os direitos que asseguram a cidadania. No caso argentino, os direitos foram subtraídos da população com o não cumprimento das promessas pelo Estado. Por Buenos Aires se ter constituído enquanto soberania política durante o processo de independência e por o país ter adquirido preponderância económica nessa época, o conceito de cidadania passou a estar aliado à prática de viver na cidade. No entanto, na pós-modernidade, as pessoas não são cidadãs, mas consumidores, principalmente desde a febre consumista que se instalara na Argentina nos anos 1990s (*Tiempo* 6). Sarlo denomina por “espejismo” o deslumbramento que se vive na cidade, que deixou de ser centro aglutinador de cidadãos e se implantou no centro comercial. Conforme assevera Emanuela Guamo, trata-se da reterritorialização da modernidade transnacional eurocêntrica para Buenos Aires (202). Sarlo critica o Estado menemista por ter criado a ilusão de consumo nas pessoas e agora exigir-lhes o pagamento da dívida nacional.

Sarlo critica a “falência” da escola pública. A escola, segundo esta pensadora, não está a providenciar uma educação que possa competir com as tecnologias da comunicação. Pelo contrário, na modernidade, a escola teve um papel fundamental na alfabetização das massas. Na atualidade, o que os estudantes aprendem com as tecnologias não lhes é suficiente quando necessitam ler e interpretar textos, pois as habilidades de “argumentación”, “precisión verbal” e de escrita são fundamentais, segundo Sarlo, no mundo da política e do trabalho (*Tiempo* 100–01). Além disso, essas capacidades não parecem tão facilmente como acontece com as tecnologias da comunicação, que sofrem inovações constantes (*Tiempo* 103). Sarlo acredita no ideal democrático da escola pública veiculadora

de saberes e baseada fundamentalmente na palavra e nos livros. Ela defende a escola gramsciana, humanística, onde a igualdade de oportunidades culturais compensaria as desigualdades sociais: “hay instituciones que tienden más que otras al nivelamiento democrático y la comunicación de saberes: la escuela es una de ellas” (*Tiempo* 227). Na modernidade, segundo a crítica cultural, a escola era um símbolo de cidadania; integrava os filhos dos imigrantes sem discriminá-los (*Escenas* 127). Por contraste, a cultura do mercado distingue as pessoas pelo seu poder de aquisição. Apesar de consciente de que a nostalgia pelo passado não resolverá os problemas do presente, a capacidade libertadora da cultura não deverá estar à mercê da economia de mercado, pois tal ímpeto reduz as pessoas a uma competência na qual “donde quienes más poseen en términos materiales y simbólicos están mejor colocados para imponer el particularismo de sus propios intereses” (*Escenas* 188).

A crítica de Sarlo à “pobreza simbólica” da escola argentina pós-moderna mostra claramente o seu desejo de recuperar a escola moderna, onde a cultura letrada dominava e tinha estatuto de cultura superior. Uma escola onde a palavra, os livros, as bibliotecas e os museus eram enfatizados na medida em que transmitiam uma cultura comum: “La debilidad actual de la escuela, que no puede distribuir saberes básicos de modo mínimamente aceptable, es uno de los peores obstáculos para la construcción de una cultura común que no se apoye solamente en la comunidad imaginaria que producen los medios de masas” (*Escenas* 12). Concordo com Donetta Hines ao afirmar que Sarlo não reconhece que as ações do Estado no passado ajudaram a desencadear a “pobreza” argentina no fim do século, incluindo a “pobreza simbólica” da escola (140).

Por oposição a Sarlo, defensora de uma cultura singular comum, gerida pelo Estado, Martín-Barbero, em “La educación desde la comunicación”, faz um esforço para “mantener el delicado equilibrio entre las dos tradiciones dialogantes”, a moderna e a posmoderna (Bauman 14). De acordo com Martín-Barbero, a mutação cultural influenciada pelos meios de comunicação de massas contribuiu para o modo de aprendizagem dos jovens, mas não vem colocar em perigo a cultura do livro. Vem apenas retirá-lo da sua “centralidad ordenadora del saber”, pois havia-se imposto como norma e único modelo de aprendizagem na modernidade (*Educación* 3). Martín-Barbero afirma que esta “estigmatización” das tecnologias em detrimento do livro “parte de desconocer la complejidad social y epistémica de los dispositivos y procesos en que se rehacen los lenguajes, las escrituras y las narrativas” (3). Por conseguinte, este pensador encontra nas tecnologias de informação um “descentramiento” que fomenta a “diseminación del conocimiento” (4), pois a escola não deverá ser a única via para alcançá-lo.

Sarlo critica abertamente, principalmente em *Escenas de la vida posmoderna*, o poder da televisão na vida dos espectadores e a passividade deles face à informação que recebem (80). Mostra-se tradicional no sentido em que recupera um pensamento ante a cultura popular próprio da Escola de Frankfurt.

Além disso, parece não dar qualquer crédito à inteligência dos espectadores que, segundo De Certeau, são capazes de subverter a informação dos bens simbólicos da indústria cultural através de “táticas” e criam outro tipo de bens (36). Para Sarlo, a televisão, a internet e os videojogos simplesmente criam a ilusão de uma democracia social e tal só ocorre e domina as famílias devido à fragilidade dos laços que as unem (*Escenas* 87). Ela aborda esses meios de comunicação como se fossem uma ameaça para o desenvolvimento intelectual do público, preferindo a democratização da alta cultura. Sem dúvida, a sua “perspectiva de lectura” é moderna (Vásquez 68) e de corte elitista. Pelo contrário, Martín-Barbero questiona qual será o fascínio da televisão sobre os jovens quando eles já nasceram tendo a televisão como o seu “ambiente natural” (287). Sarlo faz o papel de “legisladora”, enquanto intelectual na acepção de Bauman, enquanto Martín-Barbero se mostra um “intelectual intérprete”.

Contrariamente a Sarlo, Martín-Barbero encara esses artefactos comunicacionais (televisão e internet) como veículos que colocam os espectadores em contacto com outros mundos. Com efeito, os espectadores são capazes de articular elementos e materialidades heterogéneas (imagem, sonoridade, textualidade), abrindo novas possibilidades de aprender e experimentar, conjugando os sentidos e o intelecto, sendo esses artefactos culturais portadores de uma nova episteme (Martín-Barbero 290). Além disso, Martín-Barbero afirma que não se poderá reduzir a problemática da comunicação às tecnologias, uma vez que é a noção mesma de cultura, a sua significação social, que está sendo modificada na pós-modernidade, não só pelo que se produz na televisão, mas também no modo de reproduzir televisão (290–91).

Outro traço da agenda tradicional de Sarlo é a forma como ela conceptualiza a cultura na sociedade. Para ela, a alta cultura possui um estatuto superior se comparada com as restantes culturas. Acredita na democratização desta cultura como forma de educar as massas (*Escenas* 116). Como afirma a crítica cultural Jean Franco, “el factor más sobresaliente de la cultura argentina es su naturaleza de elite” (287). Sarlo pertence a uma elite cultural e, por isso, advoga o estatuto moderno da alta cultura, enquanto disciplinadora das restantes (*Escenas* 118). A formação académica de Sarlo em letras/literatura deveria ser suficiente para reconhecer que na área da literatura, simplesmente para dar um exemplo, as literaturas ditas populares se desenvolveram a par com a literatura da “cidade letrada”, dando voz a grupos subalternos, principalmente a partir da Revolução Cubana (1959). Uma literatura que talvez Sarlo considere menor tem tido a sua influência junto da literatura hegemónica. Esta influência, que Rama reconhece como uma das formas de “transculturación narrativa”; Antonio Cornejo Polar denomina por “literaturas heterogéneas” e Martín Lienhard designa por “literaturas alternativas” (Lorenzano 90). Claramente, Sarlo não se ajustou à ruptura da divisão entre alta e baixa cultura (o culto e o popular) trazida pelos estudos culturais e que invadiu o pensamento pós-moderno.

Tal visão unilateral de cultura permite analisar a concepção sarliana de arte. Uma arte que transmite o gosto da classe dominante parece preencher os valores elitistas de Sarlo. Neste aspecto, nota-se claramente no seu discurso a influência de Theodor Adorno e Max Horkheimer, pois tal como eles, ela não crê no relativismo estético associado à indústria cultural. Por conseguinte, esta crítica argentina não é apologista de propostas culturais simbólicas com distintas valências em função de públicos diversos senão de uma cultura culta que consiga ser deleite estético para a maioria. Desde esta perspectiva, é a fórmula moderna, principalmente através do dispositivo escolar, a única eficaz para concretizar este ideal.

Perante essa concepção pedagógica que caracteriza os defensores do projecto moderno, García Canclini pergunta: “¿es deseable que todos asistan a las exposiciones de arte?”, “¿para qué sirve una política que trata de abolir la heterogeneidad cultural?” (144). Enquanto Sarlo defende políticas culturais que integrem as massas na cultura elevada de modo a democratizá-la, García Canclini considera “arbitrajes” deste tipo meros mecanismos autoritários porque suprimem a diferença e a impõem um substrato cultural estranho às identificações dos seus destinatários (*Culturas híbridas* 145). Eis a razão por que afirma que as massas não regressam aos museus, nem encontram nos bens culturais da elite um valor supremo ou digno de admiração. Por conseguinte, a partir da perspectiva de García Canclini, o aspecto mais antidemocrático da modernidade é a sua vocação expansiva de uma cultura que sempre se concebeu no singular e que não encerra a heterogeneidade e a sensibilidade que caracteriza o conjunto da sociedade:

Porque la divulgación masiva del arte “selecto”, al mismo tiempo que una acción socializadora, es un procedimiento para afianzar la distinción de quienes lo conocen. . . . Los mecanismos de reforzamiento de la distinción suelen ser recursos para reproducir la hegemonía. (*Culturas híbridas* 146-47)

García Canclini defende a recuperação da pluralidade inerente às culturas. Dever-se-á combinar as heranças culturais do passado com as do presente, resultando nas hibridações culturais que entrecruzam o moderno, o culto e o hegemónico com o tradicional, o popular e o subalterno. Esta é a pós-modernidade para García Canclini: “una manera de problematizar los vínculos equívocos que este (el mundo moderno) armó con las tradiciones que quiso excluir o superar para constituirse” (*Culturas híbridas* 23).

Se analisarmos García Canclini e Martín-Barbero nos termos de Bauman, enquanto intelectuais, eles estão mais perto do posicionamento pós-moderno que do moderno. Preocupam-se mais em entender a nova ordem simbólica que introduz o mercado com o nascimento das indústrias culturais e o auge dos meios massivos de comunicação do que converterem-se nos defensores de um

“tesouro cultural” (alta cultura) que se vê desvalorizado. As mudanças são para estes autores um símbolo de uma época e como intelectuais crêem que a sua função é a de serem capazes de decifrar como se alinhavam estas transformações com a vida quotidiana das gentes, como se justapõem com as suas tradições e o modo em que se conjugam com as suas práticas sociais.

Segundo Martín-Barbero, reivindicar a existência da cultura oral ou valorizar a videocultura não significa o desconhecimento da vigência que conserva a cultura letrada, simplesmente significa desmontar a sua pretensão de ser a única prevalecente na contemporaneidade. Além disso, a cultura audiovisual, segundo este intelectual, resgatar a cultura oral das populações latino-americanas, base original de um passado comum:

es un hecho cultural insoslayable que las mayorías en América Latina se están incorporando a, y apropiándose de, la modernidade sin dejar su cultura oral, esto es no de la mano del libro sino desde los géneros y las narrativas, los lenguajes y los saberes, de la industria y la experiencia audiovisual. (*Educación* 6)

Além disso, Martín-Barbero diz que os meios de comunicação de massas contribuem para dar voz às minorias étnicas. Através das imagens, as minorias são “reconocidas”: “haceres visibles socialmente en su diferencia. Lo que da lugar a un modo nuevo de ejercer políticamente sus derechos” (*Educación* 11). Sarlo, todavia, mantém a sua postura tradicional quanto ao poder educativo dos meios de comunicação de massas, que vêm desordenar o mundo moderno: “Donde llegan los *mass-media*, no quedan intactas las creencias, los saberes y las lealtades” (*Escenas* 111). Para Martín-Barbero, “los *mass-media* entran adonde las instituciones salen autonomizando las personas de la hegemonía de las autoridades tradicionales” (110). O que Sarlo não parece admitir é o poder dos meios de comunicação de massas para democratizar a alta cultura. Como afirma Martín Lienhard, os meios de comunicação de massas incorporam recursos e códigos da cultura massiva e, assim, têm vindo a contribuir para a “popularização” da literatura de elite, transformando-a num novo tipo de literatura de consumo (28). Deste modo, os meios de comunicação de massas chegam a um número muito maior de destinatários que sem eles talvez nunca chegassem a consumir produtos da alta cultura.

Outra das temáticas que Sarlo mantém em *Escenas de la vida posmoderna* e *Tiempo presente* é sobre o papel dos intelectuais na sociedade. Sarlo parece nostálgica do respeito que detinham os intelectuais na modernidade e o quase apagamento da sua voz na pós-modernidade. Eles representavam aqueles que não tinham nem voz nem instrução, então, eles tomavam partido em nome de valores como a verdade e a justiça. Eram os “guias” e os “legisladores” (*Tiempo* 197). Aqui Sarlo relembra-nos o caso Dreyfus e a defesa pela Revolução Cubana, entre outros exemplos, para demonstrar a produção “de lo mejor

y lo más siniestro de las prácticas intelectuales de estos siglos” (*Escenas* 185). São estas práticas intelectuais que Sarlo considera ameaçadas na pós-modernidade por diversas razões: “el clima posmoderno de ‘todo vale’, que rechaza cualquier intento de legitimar ciertos sistemas de pensamiento en detrimento de otros”; o auge de movimentos como o feminismo e as minorias raciais e étnicas, que defendem o direito às diferenças; o desprestígio das escolas e das universidades públicas; o facto de os intelectuais do passado terem sido cooptados pelas academias (*Escenas* 181). Apesar de Sarlo admitir a necessidade de transformar o papel do intelectual moderno na sociedade pós-moderna, ela continua valorizando o intelectual moderno e são as suas características que ela veste enquanto intelectual na Argentina neoliberal.

Sarlo defende o retorno do intelectual moderno à sociedade civil do presente, senão da sua figura, pelo menos da sua função, a qual especifica: “la crítica de lo existente, el espíritu libre y anticonformista, la ausencia de temor ante los poderosos, el sentido de solidaridad con las víctimas” (*Escenas* 180). No entanto, a diferença é que os intelectuais modernos têm muitos discursos modernos para comparar a sociedade, e na pós-modernidade, esse discurso é individual e minoritário. Segundo Sarlo, hoje em dia, nem os expertos nem os intelectuais “electrónicos” estão preparados para exercer a função crítica do intelectual do passado. Os primeiros possuem uma objetividade proporcional à delimitação cada vez mais específica do seu saber. Os segundos, “recurren a los expertos en un proceso de legitimación circular” (*Escenas* 190). Além disso, os intelectuais “electrónicos” recorrem à informação dos meios de comunicação de massas, o que contribui para a particularização “insignificante” do conhecimento e, ainda, integram a celeridade informativa que, raramente, contempla a reflexão. Enquanto intelectual, Sarlo é apologista da discussão geral de ideias para não se cair em particularismos (*Escenas* 190–92).

Em *Tiempo presente*, Sarlo parte do presente para ler o passado da história da Argentina e discute a relação entre tempo e memória. Segundo esta pensadora, o tempo acelerado da pós-modernidade afecta também o conceito de memória. Assim sendo, a memória para Sarlo passou a ser um tema social, pois cabe ao intelectual recuperar as memórias culturais que ajudaram a construir a identidade argentina. Enquanto este tempo acelerado impede o transcorrer do presente, a memória busca dar solidez e veracidade a este presente. Logo, segundo Sarlo, cabe aos intelectuais o exercício de reflexão acompanhado de um constante estranhamento da sua própria condição existencial no presente, pois sem estas condições o intelectual não poderá ser capaz de ler o próprio presente.

Curiosamente, Sarlo critica em *Tiempo presente* o conceito de intelectual intérprete apresentado por Bauman, ou seja, o intelectual que deverá “escuchar la multiplicidad de voces de la sociedad y tejer la red de intersección de estos discursos [posmodernos]” (13). Considera-os “intelectuales carteros” (*Tiempo* 220), pois Sarlo quer fazer parte desses mesmos discursos, não sendo

simplesmente uma intermediária do discurso, o que demonstra o seu distanciamento face às classes populares e o seu lugar na elite.

No entanto, Sarlo não examina os instrumentos necessários para a reconstrução do papel do intelectual na sociedade pós-moderna. Argumenta que os intelectuais são herdeiros de uma tradição; têm uma relação “conflictiva” mas “inexorable” com a política e o poder, que formam um grupo, mas não debate estas questões nem na teoria nem apresenta qualquer programa prático. Sabe-se que Sarlo elege “salvar las ideas”, os “sentidos globales”, chegar a um público mais amplo que o académico, mas ela não concretiza em termos metodológicos os instrumentos viáveis para reformular o papel do intelectual na sociedade pós-moderna. Tal só demonstra o quanto Sarlo é uma intelectual cínica, pois parece não crer num projeto colectivo de transformação do papel do intelectual na sociedade pós-moderna. Não me parece suficiente que apenas aponte a necessidade dessa função crítica do intelectual sem ao menos mostrar em que moldes essa função crítica se concretizará. Além disso, Sarlo é vaga quando se refere ao intelectual, pois ela não define se se refere ao intelectual argentino, latino-americano ou outro, o que traduz uma “generalidad problemática” (Brescia 80).

Os meios de comunicação exigem atualmente outro tipo de intelectual que o intelectual moderno. Segundo Carlos Rincón, não é intelectual quem pensa o mundo mas quem tem o poder de comunicar o que pensa sobre o mundo. Não se trata de um homem de ideias e valores, mas um homem de comunicação (citado em Brescia 80). Parece-me que aí estaria os novos moldes do intelectual pós-moderno, no cruzamento entre os velhos saberes e os meios de comunicação de massas. Aliás, embora Sarlo aluda a esta possibilidade nos ensaios, não a apresenta concretamente. No entanto, Sarlo tem vindo a ocupar um espaço crescente na televisão argentina enquanto intelectual que debate ideias com outros intelectuais em direto. Além disso, segundo Brescia, *Escenas de la vida posmoderna* não foi publicado pela academia argentina, mas foi *best-seller* na sua categoria (78). Ou seja, o mercado contribuiu para expandir as ideias de Sarlo, ironicamente, apesar das suas críticas ao mesmo.

Conclusão

O papel do intelectual na sociedade moderna e pós-moderna é verdadeiramente importante para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Beatriz Sarlo, uma intelectual-experta posiciona-se no papel do intelectual que levanta questões, “perspectivas para ver” para fazer refletir as populações sobre a sociedade. No entanto, lamentavelmente, Sarlo não é capaz nem em *Escenas de la vida posmoderna*, nem em *Tiempo presente* de definir concretamente as características deste intelectual, nem sequer o localiza num território nacional. Especificando a nação de proveniência do intelectual, Mignolo afirma, “the adjective underlines

singularities that contests the idea of a universal model of the intellectual in relation to all other possibilities that are defined, measured, and subalternized” (1141).

Apesar de refutar o papel do intelectual moderno na Argentina pós-moderna, Sarlo corporiza este intelectual que ela diz excluir do presente. É esse cinismo de Sarlo, agarrada a um passado que não regressará e descrente num projeto colectivo de futuro, que a distingue de intelectuais como García Canclini ou Martín-Barbero. A estes, interessa-lhes chegar às pessoas, entender as mutações sociais e culturais e entrecruzar o bom do passado, do moderno, com o bom do pós-moderno, numa tentativa constante de entender as multiplicidades culturais latino-americanas. Por conseguinte, estes intelectuais parecem-me melhor preparados para ler a contemporaneidade. Em vez de reprovar as inovações da pós-modernidade, entrecruzam-nas com as tradições, numa busca constante por se actualizarem. A postura tradicional/moderna/classista de Sarlo, pelo contrário, parece preocupada pela sua própria posição enquanto intelectual desajustada ao tempo presente, alguém para quem a palavra escrita associada à cultura letrada ainda contempla poder. Re-afirmar as características do intelectual moderno serve, pois, como apelo de legitimação do seu próprio papel na arena pública portenha.

Não é apenas Sarlo que se mostra preocupada com o papel do intelectual na pós-modernidade; esta foi uma preocupação que percorreu também a academia americana no final do século passado. Não foi coincidência o pedido da Modern Language Association (*PMLA*) em 1997 a figuras de destaque na academia americana, como Walter Mignolo ou Tzvetan Todorov, que se pronunciassem sobre o papel do intelectual para o século XXI. Este último re-afirmou as preocupações de Sarlo, ao dizer que o intelectual não poderá ser substituído pelo experto: “The intellectual cannot be replaced by the expert: the latter knows facts; the former discusses values” (Todorov 1123). Walter Mignolo acredita no papel do intelectual pós-ocidental para criar outra epistemologia:

I suspect that the twenty-first century will be the scene of the post-occidental, not postcolonial, intellectual. . . . [T]hey will create a border epistemology that will foreground not just as information but as thinking energy the intellectual practices that the Enlightenment suppressed. . . . [T]he task of the post-occidental intellectuals will be to think from the double legacies of colonialism and modernity, from what expanded and what was suppressed. (1141)

Sem dúvida que a postura de qualquer intelectual é desafiante em qualquer sociedade, principalmente se o seu compromisso for com o bem social e não com os seus interesses pessoais. No entanto, Beatriz Sarlo utiliza um discurso que por ser tão vago poderá confundir o público mais vasto que ela quer que a leiam. Apesar da crítica contundente que ela faz aos meios de comunicação de massas, são eles que mais facilmente a levam a exercer o seu papel de intelectual pública na Argentina e no mundo.

OBRAS CITADAS

- Adorno, Theodor, e Max Horkheimer. *Dialectic of Enlightenment*. Stanford: Stanford UP, 2002. Impreso.
- Bauman, Zigmunt. *Legisladores e intérpretes: Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: U Nacional de Quilmes, 1997. Impreso.
- Brescia, Pablo. “Intelectualidad y fin de siglo en Beatriz Sarlo”. *Segundo congreso internacional de literatura: Literatura sin fronteras*. Ed. Ramón Alvarado, Laura Cázares, Alejandra Herrera e Marina Martínez. México: U Autónoma Metropolitana, 1997. 73–84. Impreso.
- Brunner, José Joaquín, e Guillermo Sunkel. *Conocimiento, sociedad y política*. Santiago, Chile: Flasco, 1993. Impreso.
- Canclini, Néstor García. *Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*. México: Grijalbo, 1995. Impreso.
- . *Culturas híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2001. Impreso.
- Corbatta, Jorgelina. “Lo que va de ayer a hoy: Releyendo a Beatriz Sarlo”. *Chasquí* 28.2 (1999): 76–88. Impreso.
- De Certeau, Michel. “Un lugar común: El lenguaje ordinario”. *La invención de lo cotidiano*. Paris: Gallimard, 1990. 5–33. Impreso.
- Di Tella, Torcuato S. *História social da Argentina*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. Impreso.
- Domingues, Ivan. “O Intelectual público, a ética republicana e a fratura do éthos da ciencia”. *Scientiae Studia* 9.3 (2011): 463–85. Impreso.
- Figueiredo, Cândido. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Venda Nova: Bertrand, 1996. Impreso.
- Franco, Jean. *La cultura moderna en América Latina*. Trad. Sérgio Pitol. México: Grijalbo, 1983. Impreso.
- Fridman, Daniel. “Consumption in the Time of Terror: Argentina in the Last Dictatorship”. U of Texas at Austin, Benson Library. 6 Nov. 2013. Apresentação.
- Habermas, J. *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Cambridge: Polity, 1994. Impreso.
- Kant, I. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1992. Impreso.
- Lienhard, Martín. “Literaturas alternativas: ¿Mito o realidad?”. *Segundo congreso internacional de literatura: Literatura sin fronteras*. Ed. Ramón Alvarado, Laura Cázares, Alejandra Herrera e Marina Martínez. México: U Autónoma Metropolitana, 1997. 13–29. Impreso.
- Lorenzano, Sandra. “¿De qué hablan hoy nuestros críticos?”. *Segundo congreso internacional de literatura: Literatura sin fronteras*. Ed. Ramón Alvarado, Laura Cázares, Alejandra Herrera e Marina Martínez. México: U Autónoma Metropolitana, 1997. 85–92. Impreso.
- Lyotard, Jean-François. *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Minneapolis: U of Minnesota P, 1979. Impreso.
- Martín-Barbero, Jesús. *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. México: G. Gili, 1987. Impreso.
- . *La educación desde la comunicación*. México: Norma, 2002. Impreso. Marsal, Juan Francisco. “Los intelectuales latinoamericanos y el cambio social”. *Desarrollo Económico* 22:23 (1966): 295–317. Impreso.

- Mignolo, Walter. "Today, Tomorrow: The Intellectual in the Academy and in Society". *PMLA* 112.5 (1997): 1132–41. Impresso.
- Munck, Ronaldo. "Argentina, or the Political Economy of Collapse". *International Journal of Political Economy* 31.3 (2001): 67–88. Impresso.
- Rama, Ángel. *La ciudad letrada*. Madrid: Fineo, 2009. Impresso.
- Said, Edward. *Representations of the Intellectual: The 1993 Reith Lectures*. New York: Vintage, 1996. Impresso.
- Sarlo, Beatriz. *Escenas de la vida Posmoderna: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1994. Impresso.
- . *Tiempo presente notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2001. Impresso.
- Shumway, Nicolas. *Historia personal de una pasión argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2011.
- Todorov, Tzvetan. "The Genealogy of the Intellectual since the French Enlightenment". *PMLA* 112.5 (1997): 1121–28. Impresso.
- Vásquez, María Celia. "La puesta en perspectiva posmoderna de una escena de lectura conflictiva". *Dispositio/n* 24.51 (1999): 67–79. Impresso.
- Žižek, Slavoj. "¿Amar al prójimo? ¡No, gracias!". *El acoso de las fantasías*. Madrid: Akal, 2011. 53–95. Impresso.